heteridade, análise e escola

ANTONIO QUINET

O QUE SE ESPERA de um psicanalista? Sustentar o Heteros, sua existência, sua lógica e suas emergências na clínica, no coletivo dos analistas e na civilização.

O Heteros é a quinta modalidade do outro que Lacan propõe em seu ensino após ter desenvolvido os conceitos do outro imaginário, meu semelhante, o Outro do desejo cujo discurso é o inconsciente, o radicalmente outro que é o objeto *a* e o outro do laço social presente nos quatro discursos que constituem o campo do gozo.[1] O Heteros é o Outro gozo referido por Lacan ao gozo que se encontra no lado feminino da partilha dos sexos em suas fórmulas da sexuação desenvolvidas no seminário *Mais, ainda.* Este Outro, com maiúscula, que se distingue do Outro do significante (que falta por ser inconsistente) é o Outro que ex-siste. O Outro falta, mas Hetero existe, ex-siste ao significante, insistindo em sua existência fora da ordem do significante segundo a lógica do não-todo. Lacan o qualifica em seu texto *L'étourdit* (*O aturdito*) de Eteron, referindo-se a Platão.[2] Vejamos três referências de Platão ao Heteros.

[1] QUINET. *L'Heterité de Lacan*, p.61-70.

[2] LACAN. *L'étourdit*, p. 23.

heteros em platão

No *Timeu*, diálogo sobre a origem do mundo, o demiurgo busca os ingredientes para fazer a Psyché (a alma) antes do corpo do mundo. De que é feita a *psyché*? É feita, diz Platão, "da substância indivisível, que se comporta sempre de uma maneira invariável, e da substância divisível que se encontra no corpo; ele compôs entre as duas, misturando-as, uma terceira espécie de substância intermediária compreendendo a natureza do Mesmo e do Outro, Heteros." [35 a] A substância de Heteros, sempre divisível e mutável, se deixa dificilmente misturar, mas o demiurgo, para fazer o mundo, misturou-a com o Mesmo, cortando-os longitudinalmente em duas faixas, cruzou-as uma sobre a outra em "X", fazendo de cada uma um círculo. "O movimento do círculo exterior ele a designou como movimento da substância do Mesmo, o do círculo interior como da substância de Heteros, do Outro." [36 b] Eis a topologia que nos fornece Platão da articulação entre o que podemos designar como o Mesmo do significante e o Heteros do gozo incomensurável, em

constante modificação, sempre outro. O mundo à semelhança do homem humano é constituído pelos meridianos conjugados do Mesmo e do Outro, do Um e de Heteros.

O Heteros, que é sempre outro, e, portanto, diferente de tudo o que existe, deve ser pensado, diz Lacan ainda em *O aturdido*, "em todos os sentidos como o mais estrangeiro". Aí Lacan se refere explicitamente ao *Parmênides*, onde Platão distingue o Heteros tanto do Um quanto do ser. Suponho que seja o trecho em que Platão, para distinguir o *Um* do *ser*, disserta sobre a participação do Um no ser e do ser no Um, sendo, no entanto, um em relação ao outro, distintos, diferentes, outros. Se há distinção entre o ser e o Um é devido à existência do Heteros — o que traz a diferença. Na seqüência podemos ler:

> Se portanto o ser é outro e o Um outro, não é absolutamente sua unidade que faz do Um ser diferente (outro) do ser; não é a realidade de seu ser que faz do ser outro (diferente) do Um; é Heteros, (o diferente, o outro) que os diferencia mutuamente. Assim o Heteros não é idêntico nem ao Um nem ao ser (Ωστε ου ταυτον εστιν ουτε τω ενι ουτε τη ουσια το ετερον) [143 e].

Ao transpor essa distinção para a teoria lacaniana, podemos dizer que o Outro como gozo se distingue tanto do Um do significante ligado à lógica fálica quanto ao objeto *a*, semblante de ser, substância episódica da pulsão cuja consistência é lógica.

Em *O sofista*, diálogo sobre o ser, para provar que os sofistas, diferentemente dos filósofos, não falam sobre a verdade, isto é, têm um discurso que não se refere às coisas verdadeiras, Platão propõe cinco gêneros para se apreender a verdade das coisas referidas pelas palavras. Assim como as letras são os elementos cuja combinação é ditada pela arte gramatical, os cinco elementos são regidos pela arte da dialética. São eles: o repouso, o movimento, o ser, o mesmo e o outro (heteros). O Heteros é sempre relativo a um outro. O ser e o outro são diferentes:

> Pois se o outro participasse de duas formas como o ser, haveria algumas vezes na classe dos outros, um outro que não seria relativo a outra coisa. Ora, constatamos indubitavelmente que tudo o que é outro é o que é apenas por sua relação necessária com outra coisa. [255 d]

O Heteros penetra todas as formas, pois "cada uma delas em particular é outra diferente das outras, não por sua natureza,

mas por que ela participa da idéia do Heteros" [255 d]. A categoria do heteros é a base para Platão afirmar a possibilidade do não-ser — não como negação do ser, como em Parmênides, para quem o não-ser é nada, é inexistente — mas como o outro do ser. Mas se o Heteros é o outro do ser, nem por isso ele deixa de ser, de existir. A natureza do Heteros "não tem menos existência do que o próprio ser; pois não é o contrário do ser que ela exprime, tão somente outra coisa que não ele". [258 a] O não-ser portanto é o outro do ser, assim como o outro é o não-ser do se, que no entanto é. Em suma o Heteros é — ele é como não-Um e como não-ser. É ainda nesse diálogo que Platão afirma que a natureza de Heteros é fragmentada e sua ordem é a diversidade. [257 d] Ao não Um de Heteros podemos ainda acrescentar o não-todo.

heteros — o outro do um

Lacan propõe duas lógicas distintas para dar conta da sexuação masculino-feminino. A primeira é a lógica fálica do Um, que constitui um universo a partir da exceção ($\exists x\ \overline{\Phi}x$) que, por sua exclusão, forma um conjunto fechado, uma totalidade, ou, como ele chama, um todo ($\forall x\ \Phi x$). Articula, assim, o Um (da exceção, figurado no Pai da horda primitiva) com o Todo do batalhão fálico dos homens.

A segunda lógica que ele propõe para se pensar o sexo feminino é uma lógica distinta da lógica do Um e do todo. Ela a denomina a lógica do não-todo, *pas tout* ($\overline{\forall x}\ \Phi x$), na medida em que a mulher está "não-toda", *pas toute*, inscrita na lógica fálica. Há uma incompletude fundamental do "ser mulher", não permitindo qualquer categorização das mulheres. As mulheres não constituem um todo, uma totalidade. Além de ser não-todo, Heteros é Não-Um. Como diz Lacan nesse texto de *O aturdito* que comentamos: *L'Heteros, est celui qui ne peut s'étancher d'univers*, "O Heteros é aquele que não pode impermeabilizar um universo".

A lógica do *pas tout* não constitui universo pois não há aqui o Um da exceção ($\overline{\exists x}\ \overline{\Phi x}$) que poderia fazer existir um conjunto fechado como um todo. É uma lógica *outra*, Hétera, uma lógica da Heteridade. Ele opõe, assim, ao Um o Outro, ao todo o não-todo, e à completude a descompletude. E podemos continuar seu desdobramento: ao gozo do Um se opõe o gozo Outro, sem limites, ao poder do Um o impossível do Heteros, ao instituído o diferente, e à exceção a diversidade.

Esse Outro não forma um universo, um conjunto fechado que se poderia categorizar com um qualificativo distintivo e

reconhecível de antemão. Esse Heteros designa um Outro gozo, sem borda, sem limites, inominável, imprevisível, inabordável, impossível portanto de ser apreendido pelo significante. Ele se opõe, assim, ao poder instituído da lei e das normas ditados pelo Um do significante, mestre da lógica fálica. O Outro, em relação ao instituído, é sempre o diferente. Eis o que caracteriza a Heteridade.

Um	Outro
$\exists x\, \overline{\Phi} x$ $\forall x\, \Phi x$	$\overline{\exists x}\, \overline{\Phi x}$ $\overline{\forall x}\, \Phi x$
Universo	Não-universo
Todo	Não-todo
Poder	Impossível
Gozo do Um	Gozo sem limites
O instituído	O diferente

Continua Lacan: *l'Heteros peut se décliner en l'Hetera, s'étherise, voire s'hétaïrise*, "O Heteros pode se declinar em *Hetera*, *se eteriza* e até mesmo *se hetairiza*". Hetera em grego significa a concubina, a mulher do desejo. Se eteriza — se evapora pois o gozo Outro é inapreensível como o éter. Se *hetairiza* — vem de *hetairia*, associação de amigos ou associação política. Consideraremos a seguir essa indicação em relação à Escola.

Quem se encontra do lado feminino tem relação com o Outro gozo, como as mulheres que encarnam o Outro sexo; e é por isso que uma mulher é também Outra para si mesma. Mas não são só as mulheres que podem encarnar o Heteros. Na democracia grega, as figuras do Outro do cidadão são a mulher, o estrangeiro (*metec*) e o escravo. E na mitologia, nos ensina Vernant, encontramos Artemis, Dionísio e Medusa.

O gozo do Outro admite a categoria do impossível na medida em que ele não cessa de não se escrever — a linguagem não o apreende —, ele escapa ao significante-mestre e por isso ele também escapa ao laço social, não se deixando conter em um discurso estabelecido. E no entanto ex-siste.

Rejeitar a existência do gozo do Outro — e há várias formas de rejeitar, como segregar, calar, excluir, e até mesmificar através da assimilação — é uma forma de racismo. Lacan nos propõe, em seu texto "Televisão": devemos "deixar esse Outro a seu modo de gozo, o que só pode ser feito ao não lhe impor o nosso, ao não considerá-lo um subdesenvolvido".

Heteridade é o estado de abertura ao Heteros, ao Outro, levando-se em conta seu gozo. Como impossível: a se escrever, a se ordenar, a se prever, a se prescrever, porque ele é por definição sempre Outro, assim como a língua do estrangeiro é estranha mesmo quando é familiar, é Heteros.

Como incide a lógica da heteridade na análise e na Escola?

na análise

Na entrada em análise, o analisante inventa um Pai que ele localiza no analista. Trata-se de um Pai para o qual o sujeito apela, chama por socorro, um Pai que possa recolhê-lo da deriva libidinal ou retirar o excesso de gozo que o invade na repetição ou que se encontra fixado em um sintoma. Trata-se de um Pai que possa responder ao pedido de socorro do tipo: "Pai, não vês que estou ardendo?"

Esse Outro do endereçamento do apelo é sempre o lugar do Pai, seja o analista homem ou mulher, pois se trata do lugar do Outro da Lei. É o Outro que recebe o pedido do sujeito de uma lei que possa barrar o gozo, equivalente à função do Pai simbólico, o Nome-do-Pai. Ele está figurado na existência da exceção do lado masculino das fórmulas da sexuação.

O analista no lugar da exceção pode ser vivenciado pelo analisante como "o pelo-menos-um" que sabe lidar com a castração. O sujeito se atém a isso na esperança de que o analista possa transmitir-lhe esse saber. Eis o que ocorre na entrada de análise com o estabelecimento do sujeito suposto saber. Essa entrada se dá na lógica do universal fálico: o analisante situa o sujeito suposto saber no analista, que é o pelo-menos-um a socorrê-lo.

No início há, portanto, Um Pai, e o sujeito é histerizado. A histerização é o efeito da incidência da exceção do lado do sujeito: este se considera o único sofredor, "pelo-menos-um" a lutar contra a desordem do Universo, como a bela alma de Hegel. Ele não pertence a esse mundo, ele é um ET, um extraterrestre.

Mas essa situação não perdura na análise. O sujeito descobre que o analista não é pai. O pai que ele supunha é falho pois não vê que o analisante arde. Esse analista-pai, como todos, não escapa à castração: não há exceção, o pai não salva.

O analisante passa do "pelo-menos Um" a "Não há quem não esteja submetido à castração", passando assim para o lado de Heteros, das fórmulas da sexuação ($\exists\overline{x}$ $\overline{\Phi x}$). A castração do Outro recai então sobre o sujeito que, se antes se sentia exceção, agora se experimenta como submetido à lei que incide para todo ser falante. Ele tem que fazer como todos: pagar o preço de habitar a linguagem.

Passar da posição de ser o único sofredor do mundo, próprio à lógica do Um, a simplesmente mais-um que se submete à castração da lógica de Heteros é outra forma de dizer, com Freud, que a análise permite transformar a miséria (histérica) numa desgraça banal, ou seja, sem ser exceção. A "banalização" arranca o sujeito da posição excepcional. Essa passagem implica o rompimento do todo do universo e a abertura para o não-todo, e do gozo fálico do significante para um Outro gozo. Assim *a análise vai da histerização à heterização.*

É quando o sujeito se confronta com o horror da Heteridade.

Lacan associa a heteridade à *Hibris*, que em grego significa a desmedida, o excesso, o para-além do humano, aquilo que se encontra na origem de toda tragédia. Pedindo desculpas pela *Hibris*, Lacan ilustra, em "O Outro falta", a heteridade que ele confessa ter fracassado em sua Escola: "Como no encontro célebre dos amantes num baile na Ópera. Horror quando deixam cair a máscara: não era ele, ela tampouco."[3] Eis o horror inesperado provocado pela emergência de Heteros: é excessivamente desmedido e desumano.

[3] Lacan. O Outro falta, p. 47-9.

Assim como o analista deve ter cingido a causa de seu horror de saber, ele deve ultrapassar o horror de Heteros. Da mesma forma que se dedica à causa de desejo, deve dedicar-se também à sustentação da heteridade, do gozo sempre Outro, pois é a possibilidade de emergência do novo que não seja pela repetição de S_1. Um novo Outro. Heteros.

O horror da heteridade também comparece no saber.

O sujeito tem horror à heteridade do saber. O efeito didático da psicanálise é ultrapassar o horror da heteridade para poder vincular, para-além desse horror, o desejo com o saber. Esse vínculo sustenta o operador lógico que é o desejo do analista.

Horror do ato, horror do saber, o analista deve poder ultrapassá-los ao apreender a heteridade presente tanto no ato, quanto no saber que, quando são inéditos, são sempre Outros. Dito isto, será que todo tratamento pelo discurso do analista é em si uma Escola da heteridade? Eis a que uma Escola de psicanálise deve poder responder.

Heteros, diz Lacan, se declina também em *se hetairiza* — que se refere a *hetairia*, associação de amigos ou política. Com isso ele indica que uma associação pode ser derivada de Heteros e também — outra interpretação possível — que Heteros ao se associar em pares corre o risco de se evaporar (se eterizar). Eis uma indicação para pensarmos uma Escola de psicanálise que não deve excluir a lógica e a ética derivadas da Heteridade.

No primeiro seminário após a carta da dissolução da Escola Freudiana de Paris, intitulado "O Outro falta", Lacan associa a Escola à heteridade.[4] Ambas, ele as perdeu. Afirma ter perdido sua Escola, no sentido de quem perde o bonde. *Je l'ai loupé*, diz ele. Não a alcançou, ou seja, não conseguiu que a EFP fosse ou permanecesse elevada à dignidade que o conceito de Escola exigia. Talvez fosse apenas uma associação ou até mesmo um sindicato, mas não uma Escola como ele concebera quando a fundou. Freud partiu da causa fálica e deduziu a castração. Lacan apostou na Heteridade e propôs uma Escola que estivesse à altura de Heteros, mais além do gozo fálico que se encontra no fundamento do poder. A EFP não alcançou a Escola de Lacan; ela fracassou em termos de heteridade — eis seu diagnóstico no só-depois da dissolução. E por quê? Por ela "ter fracassado em produzir AE que estivessem à altura". Fracasso que o próprio Lacan faz equivaler ao fracasso da heteridade, fracasso de inscrever na Escola a não-relação entre os sexos. O AE, a partir dessa leitura, não só é responsável pela análise de sua experiência, a dele e a da Escola, mas também responsável em fazer existir a heteridade na Escola, ou seja, o não-todo. Assim o AE presentifica, como produto do dispositivo do passe, o S (Ⱥ), a heteridade do gozo sempre outro. O passe, com seus AE, coloca a heteridade da psicanálise em intensão no interior da psicanálise em extensão, assim como a heteridade do gradus na associação de analistas. O AE, com sua heteridade, faz objeção ao Um: eis o analista de uma outra fonte a que se refere Lacan em *O aturdito*.

Sem o passe e seu produto, a Escola é uma associação que, por definição, se funda no Um do significante mestre, o qual, mesmo que ninguém o encarne como pretendemos em nossa comunidade, não deixa de instalar a lógica do Um, com sua figura do Pai, seu falicismo, poder, hierarquia, etc. O passe vem trazer a heteridade à lógica associativa, eis uma modalidade, que talvez não seja a única, de heteros a se declinar em hetairia.

[4] Lacan. O Outro falta, p. 47-9.

As Escolas da AMP também não alcançaram a Escola de Lacan, fracassaram na heteridade, mas por motivo diferente da EFP. Nesta última, pelo fracasso do passe em sustentar a heteridade: nem os AE nem os analistas do júri produziram um discurso que verificasse a originalidade e a diferença de cada análise (e de cada analista) em relação ao conhecido na teoria. Nas Escolas da AMP a política totalitária do Um esmagou a Heteridade, não a deixando se manifestar em sua diversidade; a lógica da exceção teorizada e defendida publicamente que constitui um conjunto totalizador, ou seja, a tendência ao gueto expulsou o diferente, o não instituído.[5] Temos aí dois exemplos de fracasso da Heteridade da Escola: o insucesso do passe e o excesso do Um.

[5] Quinet. Carta de 13 de setembro de 1998, p. 204-8. Soler. De l'Ecole de Lacan à l'AMP, p. 21-40.

Jacques Derrida, à sua maneira, também se refere à importância da heteridade em seu "Estados d'alma da psicanálise", onde enuncia que os outros que chegam, os "chegantes", chegam "sempre como o impossível para além de todos enunciados instituidores, para-além de todas as convenções, para-além da dominação, da apropriação, do poder, do possível". Heteridade é o estado d'alma propício a receber o Heteros como radicalmente estrangeiro e impossível. É a heteridade, como não-segregação do Outro gozo, do fora-do-discurso, que deve estar na base de novos laços. Como diz Derrida, "uma autêntica auto-nomia (igualitária e democrática) se institui, e deve fazê-lo, a partir de uma hetero-nomia".[6]

[6] Derrida. *Les états d'âme de la psychanalyse.*

referências bibliográficas

Derrida, Jacques. *Les états d'âme de la psychanalyse.* Paris: Galilée, 2000.

Lacan, Jacques. *O seminário. Livro XX: Mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

Lacan, Jacques. L'étourdit. *Scilicet 4.* Paris, Seuil, 1973.

Lacan, Jacques. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Lacan, Jacques. O Outro falta. *Documentos para uma escola – Atas da Letra Freudiana.* Ano I, n. 0.

Platão. *Timeu.* Paris: Belles Lettres, [s.d.]

Platão. *Parmênides.* Paris: Belles Lettres, [s.d.]

Platão. *O sofista.* Paris: Belles Lettres, [s.d.]

QUINET, Antonio. L'Heterité de Lacan. *Hétérité – Revue de psychanalyse.* Paris, n.2, p.61-70, 2001.

QUINET, Antonio. *A cisão de 1998.* Rio de Janeiro: Marca d'Água/ Contra Capa, 1998. p.204-8: Carta de 13 de setembro de 1998.

SOLER, Colette. *La psychanalyse, pas la penseé unique* – Histoire d'une crise singulière. Paris: Edition du Champ Lacanien, 2000. p.21-40: De l'Ecole de Lacan à l'AMP.

VERNANT, Jean-Pierre. *A morte no olhar* – Figuração do Outro na Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

resumo

Heteridade é o termo inventado por Lacan derivado de Heteros, o Outro em grego. O autor deste trabalho comenta as referências de Platão a Heteros e deduz a lógica da Heteridade no ensino de Lacan a partir das fórmulas da sexuação para em seguida estudar sua inidência no processo analítico e na Escola de psicanálise.

abstract

Heteriry is the term created by Jacques Lacan from the word Heteros — the Other in Greek. The author of this article comments on Plato's references to Heteros and deduces the logic of Heterity in the work Lacan developed from the sexuation formulas. He then analyzes the consequences of this concept for the analytical process and the School of psychoanalysis.